

INTERVENÇÕES E METODOLOGIAS EMPREGADAS NO ENSINO DA ESCRITA E LEITURA DE INDIVÍDUOS SURDOS: REVISÃO DE LITERATURA¹

INTERVENTIONS AND METHODOLOGIES USED IN TEACHING READING AND WRITING TO DEAF INDIVIDUALS: A LITERATURE REVIEW

Gabriela WELTER²

Deisi Cristina Gollo Marques VIDOR³

Carina Rebello CRUZ⁴

RESUMO: o texto teve como objetivo verificar, na literatura disponível, intervenções/metodologias aplicadas no processo de aprendizagem da escrita por indivíduos surdos. Os dados foram coletados nas bases de dados Lilacs e SciELO, foram feitas buscas utilizando os seguintes termos de pesquisa: “leitura”, “escrita”, “aprendizagem”, “distúrbios de aprendizagem” e “bilinguismo”, sempre associados a “surdez”. Os resumos dos textos encontrados foram lidos, tendo sido excluídos aqueles: cuja publicação excedesse há 10 anos; cujo objetivos/metodologia não privilegiassem abordagens metodológicas/ de intervenção para o ensino da língua escrita pelo surdo. Dos textos selecionados foram discutidas as intervenções realizadas e resultados apresentados. Os resultados indicaram que a maioria dos estudos acredita na língua de sinais sendo a língua materna do surdo, e que esta será utilizada como base para a escrita dos sujeitos surdos. Estratégias facilitadoras para aquisição da escrita foram apontadas, como: utilização de métodos visuais (textos escritos, imagens, dramatizações etc.); conversas, de forma a proporcionar o uso social da escrita; utilização de assuntos que interessem ao surdo; adequação espacial da sala de aula pelo professor, tornando-a mais favorável a situações de comunicação. Consta-se, assim, que os estudos têm pensado em melhorias para o ensino/intervenção na escrita de sujeitos surdos e que a Fonoaudiologia mostrou que está se inserindo nessa área tanto clinicamente como em pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Surdo. Leitura. Escrita.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to determine, in the available literature, interventions/methodologies in the learning process of writing by deaf individuals. The collection was carried out in the LILACS and SCIELO databases; the following search terms were used: “reading”, “writing”, “learning”, “learning disorders” and “bilingualism”, always associated with “deafness”. The abstracts of the texts were read, and the following criteria were used for exclusion purposes: those published more than 10 years ago, objectives/methodology that did not favor methodological approaches/intervention for teaching written language to deaf students. Of the selected studies, interventions were discussed and results presented. The results indicated that most authors believe in sign language as the mother tongue of the deaf, and sign language will be the basis for writing for deaf subjects. Strategies to facilitate the acquisition of writing have been identified as: use of visual methods (written texts, pictures, dramatization); conversations in order to provide the social function of writing, use of matters of interest to the deaf; the teacher making the classroom space more conducive to communication situations. It appears, therefore, that studies have been thinking about improvements to teaching/intervention focusing on teaching writing to the deaf, and, furthermore speech language therapy seems to be coming into this area, both clinically and in research.

KEYWORDS: Special Education. Deafness. Reading. Writing.

¹ <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382115000300011>

² Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto, Porto Alegre, RS, Brasil. gabrielaweltergw@gmail.com

³ Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Porto Alegre, RS, Brasil. deisiv@ufcspa.edu.br

⁴ Escola Especial para Surdos, Porto Alegre, RS, Brasil. carinarebellocruz@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

A linguagem tem como função mais reconhecida a comunicação entre os indivíduos, por meio de um código que lhes é comum, a língua. Entretanto, partilhar uma língua vai além da possibilidade comunicacional. A língua, como parte da cultura de um grupo social, nos insere neste universo e nos ajuda a compreender aquilo que nos cerca, com base nos costumes e tradições dos indivíduos que a utilizam (SACKS, 1998). Além disso, a linguagem tem outro importante papel para o indivíduo, que é o de estruturar o seu pensamento. Através dela, o sujeito poderá adquirir e compartilhar conhecimentos, além de construir novos significados, estruturando sua visão de mundo (NERY; BATISTA, 2004).

O sujeito ouvinte tem acesso completo às informações linguísticas por meio de uma língua de modalidade auditivo-oral, possibilitando, assim, a aquisição da linguagem. O sujeito surdo tem este acesso completo por meio de uma língua na modalidade visuoespacial, como uma língua de sinais. Portanto, a língua de sinais desempenha o mesmo papel que a língua oral desempenha para os ouvintes (PEREIRA; VIEIRA, 2009).

As crianças surdas, filhas de pais surdos usuários de uma língua de sinais, têm acesso a uma língua de forma completa, assim como as crianças ouvintes que são filhas de pais ouvintes (QUADROS, 2004). Nestes casos, a aquisição da linguagem ocorre nos mesmos estágios e em período análogo à aquisição da linguagem por crianças ouvintes (QUADROS, 1997).

Isso ocorre porque, como todas as línguas orais, as línguas de sinais são códigos naturais, adquiridas espontaneamente por meio do contato com a comunidade surda (QUADROS, 1997, 2005). Quanto mais precocemente a criança for exposta a uma língua de sinais, melhor será seu desempenho linguístico. No entanto, 95% das crianças surdas nascem em lares onde os familiares usam uma língua oral, ou seja, a maioria das crianças surdas são filhas de pais ouvintes (QUADROS, 2004). Some-se a isso o fato de que a descoberta da condição da surdez é, por muitas vezes, ainda hoje, tardia, com conseqüente exposição tardia a uma língua. Assim, nem sempre a aquisição da linguagem ocorre da forma e no período esperados. Entretanto, a aquisição da língua de sinais pode ocorrer em diferentes períodos da vida; quando isso acontece, ela tende a se tornar a língua preferida do surdo nas suas interações sociais (PEREIRA; VIEIRA, 2009).

Pereira e Vieira (2009) indicam que a língua de sinais, como língua natural do surdo, servirá de base para aquisição da língua da comunidade majoritária na qual está inserido, na modalidade escrita, principalmente.

No entanto, muitas vezes, a criança surda chega à escola sem acesso a nenhuma língua. Neste momento, o papel da escola será o de proporcionar programas de acesso à língua de sinais (QUADROS, 1998), bem como procurar meios de ensinar a escrita da língua majoritária de forma que considere as questões específicas ao surdo e o seu acesso ao mundo pela visão.

O aprendizado da língua escrita pelas crianças ouvintes, quando no ingresso à escola, pressupõe uma base de conhecimentos pré-adquiridos de sua língua oral, os quais, pelo menos no início do processo de alfabetização, irão balizar este aprendizado (SVARTHOLM, 1997; 1999, apud GUARINELLO; MASSI; BERBERIAN, 2007).

O fato de as crianças surdas não terem acesso completo à língua oral, torna o processo de aprendizagem de uma língua escrita alfabética (baseada em processos de correspondência

fonema-grafema, como são os das línguas ocidentais), diferente das crianças ouvintes. No caso de sujeitos surdos que nasceram em famílias de surdos, por compartilharem da mesma língua que seus pais, parece haver melhor preparo ao ingressar na escola e estes tendem a apresentar melhores resultados em relação à leitura e escrita. Isso ocorre porque o aprendizado da lecto-escrita extrapola a compreensão da relação entre os sons e as letras, havendo toda uma situação de leitura que parece estar mais estruturada quando as famílias compartilham a mesma língua (STRONG; PRINZ, 1997).

Mesmo para os ouvintes, o aprendizado da língua escrita não se configura em mera codificação da fala. Mas o que se impõe ao surdo é o aprendizado de uma língua escrita diferente de sua, uma vez que as línguas de sinais possuem estrutura própria, diversa da língua oral da comunidade majoritária na qual o surdo está inserido (PEIXOTO, 2006). Por este motivo, é comum encontrar, na escrita dos surdos, características que são próprias da língua de sinais utilizada pelo mesmo. Especificamente sobre a relação entre o Português Brasileiro, escrito pelo surdo, e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), muitos trabalhos apontam evidências da interferência desta última na produção da primeira (PEIXOTO, 2006; GUARINELLO; MASSI; BERBERIAN, 2007). Essa influência da Libras na escrita é constatada nos estudos de Peixoto (2006) e Fávero, Pimenta e Pacifini (2007) evidenciando que as crianças surdas, assim como as ouvintes fazem hipóteses sobre a língua escrita. Sendo assim, usam seus conhecimentos na língua de sinais para adquirir uma segunda língua e, portanto, é fundamental que os professores usem a língua de sinais como ferramenta metodológica para o ensino da língua escrita para surdos.

No âmbito da Fonoaudiologia, o tratamento de questões referentes à aquisição da língua escrita pelo surdo não se mostra prioritário. Este profissional é procurado, na maioria das vezes, para resolver questões a respeito da audição (exames, próteses, implante coclear) ou da linguagem, especificamente a oral (ARAÚJO; LACERDA, 2008). Mais recentemente, uma parcela de fonoaudiólogos tem encarado, também no contexto clínico, a língua de sinais como a língua materna do surdo, e utilizado esta língua para o tratamento de questões relativas à linguagem deste sujeito. Ao admitir o bilinguismo, estes profissionais se aproximam de questões referentes à escrita do surdo, por entenderem que a língua escrita da comunidade na qual o surdo está inserido é uma segunda língua (TRENCHÉ; BALIEIRO, 2004; ARAÚJO; LACERDA, 2008).

Com base nestes pressupostos, este estudo se propõe a verificar, na literatura disponível, intervenções/metodologias aplicadas para o estabelecimento do processo de aquisição da escrita por indivíduos surdos.

2 DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

O presente estudo tem como principal objetivo reunir pesquisas sobre aprendizagem da escrita por indivíduos surdos, apresentando as estratégias utilizadas por profissionais da saúde e da educação que lidam com este desenvolvimento, refletindo criticamente sobre as possibilidades de atuação do fonoaudiólogo e seu papel nesse processo. Foram pesquisados nas bases de dados LILACS e SCIELO, artigos publicados nos últimos dez anos (2003-2013). A busca foi realizada em junho/2013 e foram utilizados os seguintes termos de pesquisa: “leitura”, “escrita”, “aprendizagem”, “distúrbios de aprendizagem” e “bilinguismo”, sempre associados a “surdez”.

Todos os textos encontrados a partir destas buscas tiveram seus resumos lidos, tendo sido excluídos aqueles cuja publicação excedesse há 10 anos e/ou aqueles cujo objetivos/metodologia não privilegiassem no seu escopo abordagens metodológicas/ de intervenção para o ensino da língua escrita pelo surdo.

Os textos selecionados foram lidos na íntegra e destes foram retiradas informações quanto à metodologia da pesquisa, intervenções realizadas e resultados apresentados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, a Tabela 1 apresenta, em termos absolutos, os resultados obtidos por cada busca, bem como os textos selecionados.

Tabela 1 – Tabela de buscas nas bases de dados

Bases de dados Busca	LILACS		SCIELO	
	Obtidos	Selecionados	Obtidos	Selecionados
Surdez e escrita	48	13	20	8
Surdez e leitura	38	8	14	2
Surdez e aprendizagem	37	4	14	2
Surdez e distúrbios de aprendizagem	0	0	0	0
Surdez e bilinguismo	7	2	2	1
Total	131	27	60	13

Fonte: elaboração própria

Na base de dados LILACS foram selecionados 27 artigos, porém 21 eram duplicados, resultando em seis artigos. Na base de dados SCIELO foram selecionados 13 artigos, um deles duplicado, resultando em doze artigos. Ao total foram analisados 18 artigos para este estudo, das bases de dados citadas.

Em relação à análise do conteúdo dos artigos, foi constatado que o *status* da língua de sinais foi ressaltado na maioria dos artigos. Onze dos 18 artigos selecionados para este estudo deixaram claro a importante posição que esta ocupa na vida do surdo (CAPOVILLA; CAPOVILLA; MACEDO, 2006; FÁVERO; PIMENTA; PACIFICI, 2007; PINOTTI; BOSCOLO, 2008; CÁRNIO; CSIPAI; COUTO, 2010; NUNES; BRAUN; WALTER, 2011; NERY; BATISTA, 2004; GUARINELLO; MASSI; BERBERIAN, 2007; ARAÚJO; LACERDA, 2008; SCHEMBERG; GUARINELLO; SANTANA, 2009; PEIXOTO, 2006; BERBERIAN; BORTOLOZZI; GUARINELLO, 2006). A língua de sinais é a língua materna do surdo, uma vez que, quando expostos precocemente a esta, ela se desenvolverá plenamente, sem que haja necessidade de condições especiais de aprendizagem. A única condição para que esse processo se dê de forma natural e espontânea é a criança estar inserida precocemente na comunidade usuária desta língua.

Dessa forma, a língua irá cumprir o seu papel, constituindo o usuário surdo como sujeito, tornando-o capaz de socializar com o mundo e de estabelecer comunicação eficiente com seus pares. Além disso, servirá como meio para aquisição de conhecimentos e informações que circulem em torno do sujeito.

Quanto à relação entre a língua de sinais e o aprendizado da língua escrita, sete artigos afirmam que o surdo poderá utilizar sua língua materna como base para a aquisição da escrita, pois ele se valerá dos conhecimentos que já possui para sua constituição, em um processo semelhante ao que acontece com o de qualquer outra pessoa: ao aprender a escrita de uma nova língua, ele irá buscar, na sua língua materna, conceitos para interpretar esses novos conhecimentos (FÁVERO; PIMENTA; PACIFICI, 2007; GUARINELLO, 2005; NERY; BATISTA, 2004; ARAÚJO; LACERDA, 2008; CAPOVILLA et al., 2006; PEIXOTO, 2006; BERBERIAN; BORTOLOZZI; GUARINELLO, 2006).

Desta forma, estes artigos preconizam que, ao necessitar de subsídios para solucionar problemas, recuperar informações, adquirir novas significações, o surdo buscará estes dados na língua de sinais para, depois, construir sua escrita (PEIXOTO, 2006).

Provas de que o surdo utiliza a língua de sinais para balizar sua escrita estão na interferência que esta impõe sobre sua produção. Esta interferência é visível tanto no processo inicial de aquisição, quanto se olharmos para os sujeitos mais velhos, adolescentes e adultos, que visam aprimorar a escrita que já possuem.

O estudo de Peixoto (2006), que buscou a interface entre o Português escrito e a Libras, demonstrou que, na escrita inicial, a criança surda, usuária de língua de sinais, da mesma forma que a criança ouvinte, utiliza sua língua materna para significar sua escrita. Como evidência para esta hipótese, a autora chama a atenção para algumas interessantes estratégias que a criança utiliza quando lhe é solicitado que escreva uma palavra desconhecida ou difícil de ser desenhada, passando a registrar, em desenho, o sinal da palavra, inclusive com indicação de movimento. Outra prova é que, quando exposta a uma palavra de significado ou escrita desconhecida, ela escreve, então, a grafia de algum sinal parecido fonologicamente com aquele que lhe foi solicitado, que ela utiliza mais vezes no seu dia a dia, como o exemplo dado pela autora: ao invés de a criança escrever *Maranhão* (sinal solicitado) a criança escreveu *três*, pois a configuração de mão (forma que a mão adota para produzir o sinal) do sinal *Maranhão* é parecida com a do sinal *três*. Quando se trata, por exemplo, de um sinal composto, mas que em Português é apenas uma palavra, a criança escreve duas palavras (um exemplo dado pela autora foi o sinal *consertar*, que é composto por dois radicais, e foi escrito pela criança da seguinte maneira: *Vis Sis*) (PEIXOTO, 2006).

Para o caso de surdos adolescentes e adultos, a interferência da Libras é notada por características da estrutura e da gramática desta língua que eles incorporam na escrita, como, por exemplo, a falta de conectivos entre as palavras e frases, diferenças no uso de artigos, ausência de flexão de verbos e adjetivos (PEIXOTO, 2006).

Apenas um dos artigos lidos defende o método fônico como método de ensino da leitura tanto para ouvintes como para surdos protetizados, por ser a linguagem escrita uma decodificação dos sons da fala (CAPOVILLA, 2006). Mesmo assim, os autores sugerem que, para os sujeitos surdos não usuários de implante coclear, seja utilizada uma adaptação desse método, que torne os sons da fala mais “visíveis” para o surdo. O texto cita o método “*Visual Phonics*”, criado por Pereire (1749), o qual consiste em criar formatos de mão para cada letra do alfabeto, diferenciando inclusive, casos de múltipla representação na escrita (quando um mesmo som pode ser grafado por mais de uma letra ou uma letra representa vários sons). Este

método seria usado a fim de minimizar o prejuízo ao surdo causado pela não legibilidade dos lábios dos ouvintes no momento da fala.

Em 15 artigos é ressaltado o enfoque de trabalho voltado para métodos visuais para aquisição da escrita, os quais despertam mais atenção e curiosidade do surdo, tornando, assim, mais fácil a aprendizagem (FÁVERO; PIMENTA; PACIFICI, 2007; TRENCHÉ; BALIEIRO, 2004; GUARINELLO, 2005; PINOTTI; BOSCOLO, 2008; CÁRNIO; CSIPAI; COUTO, 2010; NUNES; BRAUN; WALTER, 2011; NERY; BATISTA, 2004; GUARINELLO; MASSI; BERBERIAN, 2007; JACINTO, et al, 2012; ARAÚJO; LACERDA, 2008; SCHEMBERG; GUARINELLO; SANTANA, 2009; RODRIGUES; ABDO; CÁRNIO, 2012; LUSTRE, et al., 2012; PEIXOTO, 2006; BERBERIAN; BORTOLOZZI; GUARINELLO, 2006). É fato que os surdos prestam mais atenção em ilustrações (SCHIRMER; BAILEY; LOCKMAN, 2010) e realizam mais apontamentos para as figuras do texto, e gestos quando estão lendo. Por isso, os métodos visuais se utilizam de textos escritos, desenhos, pintura, jornais, gibis, imagens, fotos, vídeos, até dramatizações para alavancar a aprendizagem da língua escrita. Estes recursos são trazidos como meios impulsionadores de diálogo e trocas de ideias, propiciando momentos de fazer referência a experiências prévias e surgimento de novos pensamentos, o que facilitará o processo de conceituação e ampliação do léxico do indivíduo. Em muitos artigos a proposta é que, depois de terem sido manuseados os materiais visuais e terem sido explorados através de conversas, o sujeito desenvolva sua escrita. Assim, ele usará da língua de sinais como base para acessar a linguagem para, após, produzir um texto escrito.

A dramatização é um dos métodos visuais comentados nos estudos para se explorar leitura e escrita por sujeitos surdos. No estudo de Pinotti e Boscolo (2008), ela é apontada como meio de complementar a leitura de textos, visando a compreensão desta, através de uma forma de tornar mais concreta a vivência com o texto que está sendo lido. Esses autores buscaram, em sua pesquisa, verificar se o teatro melhoraria compreensão e interpretação dos textos lidos pelos surdos. Em uma primeira etapa, os sujeitos da pesquisa liam um texto e respondiam um questionário, destinado a verificar se houve compreensão do texto. Em outra etapa, a terapeuta relia o texto para eles, após, em grupos, os sujeitos conversavam sobre o texto e dramatizavam a história, e então respondiam ao questionário referido novamente, a fim de verificar se as dramatizações surtiram efeito sobre a compreensão do texto pelos indivíduos. Cabe ressaltar que as dramatizações foram feitas com materiais concretos, como roupas dos personagens, fantasias de animais, maquiagem, vasilhas, cobertores, materiais contidos na história. As questões respondidas no questionário foram caracterizadas em acerto, erro, cópia de parte do texto (que não respondia à pergunta) e frase sem sentido (que respondia à pergunta, baseado nos substantivos e verbos contidos nas respostas, que pareciam responder às perguntas). Todos os quatro participantes da pesquisa aumentaram o número de respostas certas, diminuindo a ocorrência de erros e demais categorias de respostas após a intervenção da terapeuta e dramatizações feitas pelos sujeitos, mostrando que a dramatização foi eficaz quanto à compreensão do texto lido.

Pensando ainda em compreensão de leitura, surge o estudo de Cárnio, Csipai e Couto (2010), que possui, entre seus objetivos, melhorar a compreensão de texto de sujeitos surdos por meio da utilização de uma técnica criada por Hoffman, em 1997, chamada de técnica de *scaffolding* (estruturação ou andaime). Segundo as autoras, essa técnica consiste na leitura de histórias de livros pela criança e adulto (terapeuta). Após serem recontadas, um “andaime”

é construído com as informações principais e com as sequências da história, contendo cenário, personagens e ações. A técnica mostrou-se efetiva neste estudo, por levarem um maior número de sujeitos da pesquisa a utilizarem estratégias mais complexas de leitura, como a de elaboração (exemplos: resumos, criar analogias), e utilizar menos estratégias de auxílio, como recorrer ao fonoaudiólogo para esclarecer alguma dúvida. Além disso, diminuiu também a inquietação, por terminar brevemente a atividade. A técnica auxiliou a lembrar pontos importantes da história, a organização temporal dos fatos, e a releitura proporcionou melhor compreensão do texto. As autoras explicam, porém, que, para alcançar adequada compreensão de textos, os sujeitos necessitariam de período maior de intervenção.

Mais atividades com apoio visual são apontadas, como em um dos estudos que enfatizou a utilização da informática no contexto clínico fonoaudiológico, em: avaliação, diagnóstico, e também como facilitadora no processo terapêutico, principalmente na área da linguagem (BERBERIAN; BORTOLOZZI; GUARINELLO, 2006). As autoras criaram um *software* chamado “Surdo aprendendo em silêncio”, para ser usado com sujeitos surdos em processo de aquisição de leitura e escrita do Português como segunda língua. Este *software* possui diversos recursos visuais, com filmes, imagens, 15 atividades (textos, histórias, jogos e vídeos explicativos em Libras. pesquisa visou descobrir a contribuição do software em aspectos formais textuais e na motivação e interesse por escrever dos dois sujeitos da pesquisa. O formato das sessões era a leitura dos textos individualmente pelos sujeitos, após uma leitura compartilhada, o uso dos vídeos em língua de sinais e, se ainda necessário, explicação e interpretação do texto pela terapeuta. Os alunos eram incentivados também a retextualizar suas produções, para adequações necessárias. Como desfecho as autoras concluem que o software contribuiu no sentido de os sujeitos terem interesse em participar dos episódios de leitura e escrita, pois nas intervenções usavam temas do seu interesse, material que chamava a atenção e era prazeroso por conter imagens, vídeos, cores e o próprio computador era fator motivacional, também a utilização da Libras na interação com esses adolescentes e no próprio *software*, fatores estes já citados anteriormente como importantes em outros dos estudos analisados. Mais contribuições do software foram apontadas, como o fato de encontrarem um porquê de escrever, entenderem os usos da escrita, os sujeitos também desenvolveram a iniciativa de procurar a forma correta de escrever.

O uso deste método tem comprovado sua eficácia no sentido de que, muitas vezes, após a utilização prévia de meios visuais pelo surdo, ocorre menor índice de erros ortográficos e morfológicos na sua produção escrita. Em relação ao método de ensino, por vezes, o fracasso do surdo para as questões de leitura e escrita são atribuídos a não utilização de meios visuais neste processo.

Os maiores erros apontados em relação à escola são o não reconhecimento da língua de sinais como a língua do surdo, pela qual ele irá adquirir conhecimento e linguagem; e o desconhecimento das implicações que a surdez traz à vida do surdo. Outro ponto destacado é que a metodologia utilizada é a mesma com sujeitos ouvintes e surdos, baseada em técnicas repetitivas de treino de ortografia, e regras gramaticais, tais como ditado, cópia de palavras e sentenças.

Soluções para isto são apontadas, como: a adequação do próprio espaço da sala de aula pelo professor, tornando-o mais favorável para situações de comunicação, e a promoção de

atividades de interação entre os alunos e com o professor, a fim de obterem um contato real e significativo com a linguagem.

Pensando não só no trabalho em sala de aula de ensino formal da escrita, alguns autores (NUNES; BRAUN; WALTER, 2011) versam sobre a utilização de livros, contagem de histórias, contato com papel e lápis, desde cedo, enfatizando o chamado letramento. Este deve ser feito não só na escola, com os professores, mas também em casa, pelos pais, a fim de já acostamá-los ao manejo com esses materiais, ao significado que essa leitura e escrita podem ter, para que, quando cheguem à escola esse contato se dê de forma mais simples e natural, já com significados preestabelecidos (CAGLIARI, 1995, apud SCHEMBERG; GUARINELLO; SANTANA, 2009).

Na pesquisa citada anteriormente de Schemberg, Guarinello e Santana (2009), os pais de crianças surdas foram questionados sobre quais materiais de leitura possuem em casa, e se leem para seus filhos. Segundo as autoras, os pais referem ter os seguintes materiais de leitura em casa: jornais, gibis, panfletos, livros e revistas. Em relação ao que leem para seus filhos, os 67% que referiram ler para seus filhos, mostraram reação de surpresa frente a essa pergunta e demoraram para respondê-la. Os pais responderam que liam apenas revista e bíblia para os seus filhos. Com essa reflexão, as autoras concluem que é importante para as crianças o acesso a leitura e a diversos materiais, em casa e na escola, para que desde cedo percebam o significado da escrita, e que, ao se depararem com o ensino formal, este se dê de maneira mais fácil.

Versando sobre estratégias de como o meio da leitura e escrita deve ser exposto para os surdos, tanto na escola como nas intervenções terapêuticas, os artigos analisados sugerem uma série de pontos a serem observados nas atividades que estão sendo usadas nesta aprendizagem.

Um fator que aparece como importante para o trabalho com surdos em relação à escrita é o interesse desses sujeitos em realizar e aprender tal tarefa. Para tal propósito, muitos dos textos ressaltam a importância da utilização de temas e assuntos que interessem ao surdo, e que estejam relacionados aos seus conhecimentos (GUARINELLO, 2005). Assim, as conversas desencadeadas após a leitura podem ser mais produtivas e dar maiores subsídios para a posterior produção de textos.

No estudo de Araújo e Lacerda (2008), os dois participantes da pesquisa, após verem um filme ou figura, desenhavam ou dramatizavam a história, então conversavam entre si e com a terapeuta sobre o tema, e sobre acontecimentos relacionados às suas vidas. Quando estes receberam um livro com histórias, diversas desconhecidas e, entre elas, uma a que já haviam sido expostos, detiveram sua atenção a esta última, iniciando uma narrativa, lembrando o tema central da história, mostrando as palavras que já conheciam e as imagens contidas no texto, tentando recontar a história, juntando as figuras que apareciam no livro, um comportamento que só foi eliciado a partir de uma história conhecida.

Outro ponto a ser analisado para o propósito de desenvolver a escrita é o de inseri-la em um contexto significativo, no qual o surdo perceba a função daquele texto que lê ou escreve, ou seja, apresentar a ele o uso social da escrita, quando então encontrará motivo e funcionalidade para escrever. Para também cumprir o papel da função da escrita, o surdo deve ser exposto a

diversos gêneros textuais: receitas, cartas, fábulas, contos, entrevista, poesia, que possibilitarão a ele conhecer os diversos papéis da escrita (GUARINELLO; MASSI; BERBERIAN, 2007).

Estas estratégias, como inserir a escrita em contexto significativo, com assuntos que sejam de interesse do aluno surdo, têm sido notadas como fatores de motivação, que influenciariam no desempenho da escrita desses sujeitos.

Falando um pouco mais sobre gêneros textuais da escrita, Schemberg, Guarinello e Santana (2009), em seu estudo, aplicaram um questionário com 12 professores. Quando perguntados sobre a utilização de gêneros textuais em sala de aula, responderam, em sua maioria, variados gêneros, como quadrinhos, contos, reportagem, bilhetes, notícias, receitas, cartas. Quando questionados sobre a fonte de onde retiravam os materiais, todos responderam o livro didático, ainda aparecendo revista, jornal, internet e gibi. Os autores então destacam que, mesmo abordando outros gêneros, textuais estão utilizando o gênero: livro didático; e que o ideal seria o contato dos alunos diretamente com o jornal, revista, bulas de remédio, e etc.

Percebe-se uma estrutura repetitiva nas intervenções dos estudos: a leitura do texto, a releitura compartilhada, a conversa sobre os temas da história, texto ou material a ser utilizado, a produção textual levando em conta os assuntos debatidos e expostos. Aparece agora outra etapa, a da retextualização, antes da correção pela terapeuta, juntamente ao escritor surdo.

A retextualização é um aspecto também levado em conta nos artigos selecionados, quando o sujeito, após escrever seu texto, o relê, revendo os aspectos que devem ser mudados, trocando seu papel de escritor para o de leitor (BERBERIAN; BORTOLOZZI; GUARINELLO, 2006).

As autoras Guarinello, Massi e Berberian (2007) apontam que, após o surdo fazer a retextualização, a terapeuta lerá juntamente com ele, adequando quando necessário, fazendo perguntas para entender o sentido do que o escritor quis passar, e aproximá-lo da escrita padrão, até que este o possa fazer de forma autônoma.

Para todas essas etapas, faz-se necessário que aprendiz e terapeuta/professor tenham uma comunicação efetiva. Daí a importância de que o terapeuta ou pessoa que interage com a criança, no processo de aquisição da escrita, nos momentos de conversa sobre o texto, seja fluente em língua de sinais (GUARINELLO, 2005), para que o surdo possa dividir suas histórias, pensamentos, vivências, e faça questionamentos sobre palavras desconhecidas, sentido do texto, esclarecimentos em geral (GUARINELLO; MASSI; BERBERIAN, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos analisados reconhecem oficialmente a Libras, assim como, a consideram a língua primária do surdo, bem como sua condição bilíngue. Tem se questionado sobre estratégias metodológicas e de intervenção para o desenvolvimento da escrita desses sujeitos, como segunda língua.

Foram levantadas questões que vão desde o letramento, o contato inicial com os materiais de leitura e escrita estarem sendo inseridos desde cedo na família e na escola da pessoa

surda, a fim de que se entenda o seu uso, até o ensino formal da escrita na sala de aula, ou em contextos de terapia da escrita de surdos.

Os estudos preconizam que sejam usados materiais visuais, a fim de promover a aprendizagem da escrita pelos sujeitos surdos, materiais estes que os interessam mais, como imagens, vídeos, dramatizações. Sugerem também que sejam apresentados a eles diversos gêneros textuais, explorando jornais, cartas, receitas, revistas e etc.

Questões que transcendem aos próprios materiais, o contexto ao qual estará inserido a escrita deverá ser significativo para este sujeito, para que entenda a funcionalidade e o papel da escrita, sendo de grande importância que sejam utilizadas leituras de assuntos os quais o surdo se interesse.

A fluência do profissional que está em contato com os aprendizes também é destacada, para que uma comunicação efetiva entre os sujeitos seja estabelecida, e que, após exploração mais concreta da leitura, ele possa produzir sua escrita, e, com a ajuda desse profissional, aproximá-la da escrita padrão, até que possa fazê-lo de forma autônoma.

Portanto, o artigo serviu para fornecer uma visão geral dos profissionais que atuam nessa área, mostrando que a fonoaudiologia está se inserindo nesse campo de atuação, realizando pesquisas sobre o tema e se inteirando também das pesquisas e evidências já provadas nos demais estudos de outras áreas, principalmente a pedagogia e a psicologia.

Este artigo contribuiu com os pesquisadores e profissionais atuantes na área da leitura e escrita de surdos ao compilar métodos e intervenções usadas com surdos no seu processo de aquisição de leitura e escrita, resumindo e referenciando técnicas usadas, deixando estes conteúdos mais facilmente acessíveis.

Existem, portanto, formas de ensinar a escrita da língua escrita para os surdos, formas estas que diferem das utilizadas no passado, em que se pensava em métodos baseados nos mesmos pressupostos da educação de ouvintes. A Fonoaudiologia mostrou que está se inserindo nessa área tanto clinicamente como em pesquisas.

Este assunto ainda é palco para a realização de mais estudos, levando em conta as questões relativas do sujeito surdo, não só pensando em avaliação e comparação de sua escrita com as regras formais do Português, mas pensando em meios e técnicas de favorecer este processo, também criando materiais de utilização.

As intervenções ou metodologias a serem utilizadas com os sujeitos surdos no seu processo de aquisição da escrita devem considerar cada um em seu desenvolvimento linguístico, bem como a utilização da língua de sinais nas suas interações, materiais e metodologias, para que sejam adequadas a este fim.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C.C.M.; LACERDA, C.B.F. Esferas de atividade simbólica e a construção de conhecimento pela criança surda. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.14, n.3, p.427-446, 2008.
- BERBERIAN, A. P.; BORTOLOZZI, K.B.; GUARINELLO, A.C. Recurso terapêutico fonoaudiológico voltado à linguagem escrita do surdo: o software “Surdo aprendendo em silêncio”, *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.18, n.2, p.189-199, 2006.
- CAPOVILLA, F.; CAPOVILLA, A.G.S.; MACEDO, E.C. Recursos de reabilitação de distúrbios da comunicação e linguagem para melhor qualidade de vida em quadros sensoriais, motores e cognitivos. *O mundo da saúde*, São Paulo, v.30, n.1, p.26-36, 2006.
- CÁRNIO, M. S.; CSIPAI, E. S.; COUTO, M. I. V. Relação entre níveis de compreensão e estratégias de leitura utilizadas por surdos sinalizadores em um programa terapêutico. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.*, v.15, n.2, p.206-212, 2010.
- FÁVERO, M. H.; PIMENTA, M. L.; PACIFICI, M. R. Produção e compreensão do texto escrito: um estudo junto a surdos universitários. *Interação em Psicologia*, v.11, n.1, p.27-42, 2007.
- GUARINELLO, A. C. O papel do outro na produção da escrita de sujeitos surdos. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.17, n.2, p.245-254, 2005.
- GUARINELLO, A. C.; MASSI, G.; BERBERIAN, A.P. Surdez e linguagem escrita: um estudo de caso *Rev. bras. educ. espec.*, Marília, v.13, n.2, p.205-218, 2007.
- JACINTO, L. A. et al. Estímulos visuais e produção escrita de surdos sinalizadores. *J Soc Bras Fonoaudiol*, v.24, n.2, p.193-197, 2012.
- LUSTRE, N. S. et al. Influência de estímulos visuais na produção escrita de surdos sinalizadores com queixas de alterações na escrita. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*, v.17, n.1, p.34-40, 2012.
- NERY, C. A.; BATISTA C. G. Imagens visuais como recursos pedagógicos na educação de uma adolescente surda: um estudo de caso. *Paidéia*, v.14, p.29, p.287- 299, 2004.
- NUNES, L.R.O.P., BRAUN, P.; WALTER, C.C.D.F. Procedimentos e recursos de ensino para o aluno com deficiência: o que tem sido disseminado nos trabalhos do GT 15 da ANPED sobre estes temas? *Rev. bras. educ. espec.*, Marília, v.17, n. spec., p.23-40, 2011.
- PEIXOTO, R. C. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. *cad. Cedes*, Campinas, v.26, n.69, p.205-229, 2006.
- PEREIRA, M.C.C.; VIEIRA, M.I.S. Bilinguismo e educação de surdos. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v.19, p.62-67, 2009.
- PINOTT, K.J.; BOSCOLO, C.C.A dramatização como estratégia de aprendizagem da linguagem escrita para o deficiente auditivo. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.14, n.1, p.121-140, 2008.
- QUADROS, R.M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, R.M. O contexto escolar do aluno surdo e o papel das línguas. *Revista Espaço*, 1998.
- QUADROS, R.M. *Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas*, 2004.
- QUADROS, R. M. O bi do bilinguismo na educação de surdos In: _____. (Org.). *Surdez e bilinguismo*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. v.1. p.26-36.

RODRIGUES, M.G.G.; ABDO, A.G.R.; CÁRNIO, M.S. Influência do tipo de estímulo visual na produção escrita de surdos sinalizadores sem queixas de alterações na escrita. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.*, São Paulo, v.17,n.2, p.208-215, 2012.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHEMBERG, S.; GUARINELLO, A. C.; SANTANA, A. P. O. As práticas de letramento na escola e na família no contexto da surdez: reflexões a partir do discurso dos pais e professores. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.15, n.2, p.251-268, 2009.

SCHIRMER, B.R.; BAILEY, J.; LOCKMAN, A.S. What verbal protocols reveal about the reading strategies of deaf students: a replication study. *Am Ann Deaf*, v.149, n.1, p.5-16, 2004.

STRONG, M.; PRINZ, P.M. A study of the relationship between american sign language and english literacy. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v.2, n.1, p.37-46, 1997.

TRENCH, M.C.B.; BALIEIRO, C. R. A escrita e prática fonoaudiológica com crianças surdas/ deficientes auditivas. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.16, n.2, p.175-180, 2004.

Recebido em: 17/12/2014

Reformulado em: 15/07/2015

Aprovado em: 16/07/2015